

ALMEIDA, Sofia Fransolin Pires de. **Interessante mas tem muita mulher... - Primeiras reflexões.** Campinas: Unicamp. Mestranda no Programa de Pós Graduação em Artes da Cena - IA - Unicamp; Orientação: Larissa de Oliveira Neves Catalão. Atriz e dramaturga.

RESUMO

O presente ensaio tece relações entre o trabalho realizado no *Laboratório de Dramaturgia e Escritas Performativas*, localizado o PAVIARTES, e o projeto de mestrado *Dramaturgia Brasileira Contemporânea: Um olhar feminino sobre a mulher em textos teatrais do século XXI*. A partir de uma análise histórico-social dos espaços ocupados por mulheres e as relações de dominação e poder, o ensaio pretende compreender a importância do estudo que vem sendo realizado no programa de pós graduação em Artes da Cena, assim como a potência material e simbólica do projeto de pesquisa regular *Dramaturgia brasileira: o popular, a sacralidade, o contemporâneo* desenvolvido dentro do Departamento de Artes Cênicas - IA. Tomou-se como acontecimento disparador para das reflexões apresentadas a mesa: *Investigação de dramaturgias brasileiras: o popular, a sacralidade e o contemporâneo* que ocorreu dentro do *Seminário de Pesquisas Mario Santana*.

Palavras-chave: Dramaturgia. Feminismo. Contemporaneidade.

ABSTRACT

The following essay intends to reflect towards the relation between the work developed on the *Dramaturgy Laboratory* at Instituto de Artes (UNICAMP) and the MS research project *Brazilian contemporary dramaturgy: A feminine approach of women in 21th century plays*. From a historical and social analysis of power and domination and its relation with women's delation, this essay seeks to comprehend the importance of those two projects that are being developed at the Instituto de Artes – UNICAMP. Those reflections emerged from the communication *Brazilian dramaturgy investigation: popular, sacred and contemporary*, that took part in the *Seminário de Pesquisas Mario Santana*.

Keywords: Dramaturgy. Feminism. Contemporaneity.

Como chegamos aqui? - Breve contextualização

Em julho de 2018 três docentes do Departamento de Artes Cênicas - IA (UNICAMP), as professoras Larissa de Oliveira Neves, Grácia Navarro e Isa Etel Kopelman, iniciaram um projeto de pesquisa regular financiado pela Fapesp intitulado *Dramaturgia brasileira: o popular, a sacralidade, o contemporâneo*¹, com coordenação de Larissa Neves e extensão de dois anos. O intuito do projeto é pesquisar a dramaturgia brasileira a partir dos três vieses apresentados no título, onde cada docente ficou responsável por uma frente.

¹ Nº de processo: 2018/02439-3

O projeto também agregou como objetivo prático, e intrinsecamente ligado à realidade do Departamento de Artes Cênicas, a criação do *Laboratório de Dramaturgia e Escritas Performativas*. Para tanto, vinculou-se à este projeto principal um segundo intitulado *Laboratório de Dramaturgia - preservação, divulgação, pesquisa*², que prevê a revitalização física, material e pessoal da antiga biblioteca do PAVIARTES – fechada para uso desde 2017, quando o seu único funcionário se aposentou – e a transformação deste espaço em um acervo de dramaturgias.

Fui então convidada para agregar este segundo projeto como bolsista de Treinamento Técnico Nível 3, uma bolsa que prevê até 40 horas de trabalho visando o aperfeiçoamento técnico e profissional de pessoas já graduadas na área. Tal convite foi o disparador para que eu tomasse a decisão de prestar mestrado na Universidade Estadual de Campinas, e me ajudou a aceitar a área de pesquisa que eu seguiria pelos próximos dois anos³, a dramaturgia. Também me auxiliou na compreensão do recorte temático que eu faria dentro do meu projeto de pesquisa: a dramaturgia de mulheres brasileiras contemporâneas a mim.

O eixo de minha pesquisa surge do ensejo por compreender o espaço ocupado pela dramaturgia escrita por mulheres na contemporaneidade. Tendo adentrado um projeto de pesquisa regular exclusivamente realizado por mulheres acadêmicas e no intento por me inserir e afirmar como dramaturga pesquisadora, julgo necessário o estudar outras mulheres que ocupam espaços historicamente relegados ao homem – o que acarretou em uma representação por vezes estereotipada e de coadjuvância da mulher dentro da dramaturgia brasileira –, e como esse fenômeno acarreta uma mudança na representação da mulher dentro do teatro brasileiro.

No artigo *A personagem feminina na dramaturgia brasileira contemporânea*, escrito por André Luis Gomes e Laura Castro Araújo – uma das fontes primeiras para a escrita do meu projeto de pesquisa – os autores colocam:

A influência do discurso masculino na construção da identidade feminina na dramaturgia Brasileira é, portanto, extremamente forte e podemos considerar ainda de difícil desconstrução e/ou mudança, tendo em vista os fatores sociais, políticos e religiosos que sempre marcaram a História do Teatro (...) Além do número reduzido de dramaturgas, a quantidade de personagens femininas como protagonistas em textos teatrais escritos a partir da década de 1960 é pequena (...). (ARAÚJO e GOMES; GOMES, 2008, pp.72-73)

O que me faz acreditar na potência da pesquisa que tenho realizado para além dos efeitos que ela pode acarretar no microuniverso (eu e minha relação com minha produção dramaturgica), como também expandindo para o macro universo (a produção

² Nº de processo: 2018/14211-7

³ Uma vez que a atuação, até então, havia sido meu maior foco e paixão, por questões puramente egóicas, eu me enxergava abandonando-a ao escolher a escrita como objeto de pesquisa. Isso foi apenas um desabafo já superado sem compromisso algum com o cientificismo.

dramatúrgica de nós mulheres) como forma de embate à uma estrutura histórico, social e política que relegou às mulheres um espaço de coadjuvância e silenciamento.

Foram seis meses trabalhando no projeto regular de pesquisa enquanto esperava pelo resultado do mestrado. Neste período, as principais funções por mim realizadas foram as de organização e revitalização do espaço, que se encontrava inutilizado, e a transformação do antigo Laboratório de Textos, uma biblioteca teatral, em *Laboratório de Dramaturgia e Escritas Performativas (Lab.Drama)*, acervo de dramaturgias e escrituras cênicas. Para tanto, todos os materiais lá guardados que não se enquadravam como dramaturgia (livros teóricos, teses, artigos, revistas, DVDs, CDs) foram destinados à outros espaços que pudessem acolher esses materiais de forma adequada, tais como, a Biblioteca e Videoteca do Instituto de Artes e acervos de memória e preservação da Unicamp e USP. No *Lab.Drama* permaneceram apenas peças de teatro, textos dramatúrgicos, e alguns materiais raros e originais, tais como cordéis, artigos, textos e revistas.

O próximo passo foi criar um catálogo digital do acervo e digitalizar materiais que, por conta do tempo e mau uso, se encontravam deteriorados: exemplares de peças do início do século XX, por exemplo. O local foi pintado, móveis trocados, equipamentos comprados e os alunos da graduação em artes cênicas, aos poucos, passaram a frequentar a sala, realizando leituras coletivas, trabalhos e reuniões.

Com um olhar já distanciado, enxergo este primeiro momento da bolsa trabalho como a preparação de um campo fértil para a construção das atividades subsequentes, que viriam a se concretizar a partir do primeiro semestre de 2019, uma fase mais criativa e artística da bolsa.

Tendo sido aprovada no Programa de Pós Graduação em Artes da Cena, mestrado, e iniciando meus estudos neste primeiro semestre de 2019, compreendo cada vez mais como essa função que realizo no *Lab.Drama* influi diretamente na minha pesquisa acadêmica e no meu trabalho como dramaturga e, por outro lado, como a minha pesquisa consegue dialogar com o espaço em que trabalho e com as ações que nele realizo.

Portanto, pretendo realizar uma breve reflexão acerca dessas zonas de contágio entre meu trabalho como bolsista e minha pesquisa de mestrado recém iniciada, e as constantes contaminações que um exerce sobre outro, gerando questionamentos, inquietações e reflexões que tem me feito cada vez mais rever meu projeto de pesquisa. A seguir, destrincho ideias que pude desenvolver brevemente no espaço concedido pelo *Seminário de Pesquisas Mario Santana* através da mesa temática *Investigação de dramaturgias brasileiras: o popular, a sacralidade e o contemporâneo*, ocorrida no dia 7 de maio às 14h, com Larissa Neves, Isa Etel Kopelman, Fernanda Nunes (graduanda e bolsista TT1 no projeto) e eu. Infelizmente, por questões institucionais, Gracia Navarro não pôde comparecer à mesa.

“Interessante, mas tem muita mulher...”⁴ - A resistência a partir da presença

“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher.” (BEAUVOIR, 2016, v.2, p.11), é assim que Simone Beauvoir inicia o segundo tomo de seu principal estudo, *O segundo Sexo*, em que analisa as raízes da sujeição da mulher como o *outro*, o segundo sexo, o diferente a partir dos recortes biológico, psicológico, histórico e sócio-político. Me abstenho brevemente de aprofundar-me nas ressalvas que faço à obra em relação às questões como binarismo de gênero e raça, uma vez que é importante compreendê-la dentro de seu contexto histórico (obra desenvolvida na França no século XX, início da segunda onda feminista europeia).

Ainda assim, é fato inegável que o lugar historicamente relegado à mulher, de sujeição e subserviência, repercute até hoje. Se considerarmos que a nossa história foi construída a partir do olhar masculino sobre nossos corpos e existências em um contexto patriarcal e falocêntrico, o que nos restava até então era o ambiente doméstico e domesticado e a coadjuvância na história de outros. Não à toa, a escrita sempre foi uma atividade negada às mulheres, justamente por carregar em seu ato um poder simbólico de apropriação de nossas próprias histórias. Impedir a mulher de escrever é uma das ferramentas de dominação, silenciamento e apagamento mais eficazes que o patriarcado realizou. Sobre isso, Losandro Tedeschi alerta em seu artigo:

A história das mulheres narra e revela uma história do silêncio, uma história do confinamento, mais do que do esquecimento. Para fazer justiça ao passado, não basta elencar as mulheres que fizeram parte dessa história, como se um mero arquivo pudesse dar sentido à memória, resgatando ou enterrando simbolicamente nossas mulheres mortas, injustiçadas e esquecidas. O futuro acadêmico da produção própria feminina depende de ações de retomada, resgate e salvação do presente. A ação reflexiva - declarada no feminismo - precisa atingir a todos promovendo outra maneira de fazer e interpretar a história.

Dentro do cenário literário e historiográfico, a escrita produzida por mulheres teve – e continua tendo – de conviver com uma política de ocultamento que trouxe consequências praticamente irreparáveis. Muitas foram as mulheres que, embora com a “pena em riste”, não puderam se expressar e tiveram sua obra e sua intelectualidade sujeitas ao Outro, ao sujeito masculino. (TEDESCHI, p.155, 2016)

Ter em vista que, até o século XX muitas mulheres escritoras se faziam valer de pseudônimos masculinos para publicarem seus textos, ou então que os mantinham guardados nas gavetas de suas casas, é de suma importância para compreender o quão recente é a tomada do protagonismo feminino por nós mulheres na escritura de nossa história. Com a dramaturgia o processo não foi diferente.

⁴ A autora do dossiê *Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal*, Mariza Corrêa, relata em seu texto que, ao apresentar um vídeo de pesquisa acerca da história da antropologia ouviu de um renomado antropólogo, cujo nome não é citado, a frase: “Interessante, mas tem muita mulher...”. Ela relata em nota de rodapé que o vídeo, que fazia parte de sua pesquisa *Antropólogas & Antropologia*, contava com a aparição de cerca de trinta homens para vinte mulheres.

Em se tratando de Brasil, recorte específico da minha pesquisa de mestrado, até a segunda metade do século XX são raros e esparsos os registros de obras dramáticas escritas por mulheres. E mesmo a partir da década de 60, com a chegada da segunda onda feminista no Brasil, e o surgimento de nomes como Consuelo de Castro, Renata Pallottini, Maria Adelaide Amaral e Leilah Assumpção que passaram a desenvolver uma produção feminina mais constante, ainda assim o cenário dramático era dominado por homens.

É, portanto, inegável compreender que o fenômeno que acontece agora, nas primeiras décadas do século XXI - este *boom* no número dramaturgas produzindo e sendo encenadas, principalmente - é inédito em nossa história. Pela primeira vez, vozes femininas plurais estão ocupando em peso esse espaço tão masculinizado, trazendo para a cena nossas questões, nos colocando como sujeitos de nossa própria história, ao menos no campo ficcional. Fenômeno potente e, por isso mesmo, ameaçador.

Uso aqui a palavra ameaçador para refletir sobre a frase título deste pequeno texto, "Interessante, mas tem muita mulher...", uma resposta imediata, um contra-ataque patriarcal, dado por um homem à uma mulher pesquisadora, que reflete o medo de se perder o protagonismo na escritura da(s) história(s). Uma vez que, é sabido que a sua estrutura machista se fundamentou e tomou as proporções que conhecemos a partir do silenciamento e da subjugação da mulher perante o homem. Enxergo essa mudança como o início do rompimento de uma estrutura que, apesar de enraizada em nossa sociedade, é bastante frágil.

Dentro dessa lógica, reitero a importância simbólica que o projeto regular de pesquisa *Dramaturgia brasileira: o popular, a sacralidade, o contemporâneo* possui ao ser realizado estritamente por mulheres dentro de um departamento que tem sido alvo constante de sucateamento por parte do poder público. Fazer parte de um projeto de pesquisa que traz tamanho impacto dentro do espaço em que é realizado, tanto na estrutura física como na intelectual e pessoal, tem se provado uma forma eficaz de resistência. Nesse sentido, enxergo uma potência feminista dentro de um projeto que, em seu tema, não possui esse viés.

Daqui em diante - Questionamentos e Inquietações

Na mesa temática *Investigação de dramaturgias brasileiras: o popular, a sacralidade e o contemporâneo*, realizada no dia sete de maio às 14h no Departamento de Artes Cênicas a convite do *Seminário de Pesquisas Mario Santana*, as pesquisadoras tiveram oportunidade de apresentar para a comunidade acadêmica as atividades do projeto de pesquisa regular realizadas até então. Seja no âmbito da pesquisa das três docentes envolvidas, como também no trabalho técnico desenvolvido pelas bolsistas dentro do *Laboratório de Dramaturgia e Escritas Performativas*.

Após uma exposição oral de cada uma das palestrantes, foi aberto um espaço para falas, dúvidas e questões advindas dos ouvintes. Além de considerações e elogios acerca do projeto, foram trazidas à tona indagações e questionamentos extremamente pertinentes considerando o contexto sociocultural em que vivemos. Essas falas surgiram

como provocações no que tange a questão da representatividade dentro do projeto de pesquisa. Fomos indagadas em relação ao recorte temático e viés de abordagem escolhido dentro do estudo do popular, especialmente.

Em um país estruturalmente racista, que historicamente exclui do protagonismo a questão negra, é sintomático quando se desconsidera dos estudos que abordam o popular, a matriz e referências afro brasileiras. É comum recorrer-se à grandes cânones que adotam uma postura eurocêntrica no momento de análise do popular, quando seria mais representativo partir do conhecimento daqueles que constituíram o popular em nosso país. Esse debate tem tomado grandes proporções nos últimos anos, pois traz à tona essa relação distanciada com que abordamos a pesquisa acadêmica, colocando o *outro*⁵ como objeto quando, especialmente tratando-se da pesquisa em artes, deveríamos entender o *outro* como sujeito.

Restou a nós, integrantes da pesquisa, o indagação: como subverter essa lógica hierarquizante intrínseca à pesquisa, buscando referências para além dos cânones acadêmicos que enxergam o popular a partir de um recorte excludente, e passar a adotar referências mais representativas. Nos colocando numa posição menos hierarquizada perante aquilo que pesquisamos e possibilitando a troca com aqueles sobre quem estudamos.

A partir desta reflexão, surgida na mesa temática *Investigação de dramaturgias brasileiras: o popular, a sacralidade e o contemporâneo*, durante o último mês passei também a questionar o lugar da minha pesquisa de mestrado que, em sua estrutura primordial, de certa forma, exclui a questão política que ele abarca. Na atual conjuntura socio política brasileira e mundial, não é possível pesquisar a produção artística feminina sem compreender historicamente o silenciamento sofrido pelas mulheres, assim como as consequências político-sociais que esse fenômeno artístico (o aumento no número de dramaturgas atuantes no Brasil) pode acarretar. Neste sentido, compreendi como sendo não somente necessária, mas urgente uma revisão bibliográfica do meu projeto, assim como um reencaminhamento das minhas metodologias de pesquisa, buscando me aproximar mais como indivíduo pesquisador dos meus sujeitos de pesquisa, assim como do contexto na qual ela se encontra.

Este debate de inclusão extrapola o movimento de trazer à luz questões racistas (como foi o caso apontado na mesa temática) ou machistas (quando se tratando de minha pesquisa de mestrado) dentro da academia, o que *per se*, não subverte a ideia de olhar para a questão negra e/ou feminista como objetos de pesquisa. É necessário que esse movimento vá além, tornando essas minorias sujeitos de suas próprias pesquisas, ou seja, dando espaços a esses indivíduos para que falem sobre suas vivências como protagonistas e sujeitos pesquisadores e não mais como objetos pesquisados. Neste sentido, me revejo.

É urgente que eu traga mais mulheres para a minha pesquisa de mestrado, especialmente ao analisar minha bibliografia e constatar que, apesar de pesquisar dramaturgias femininas e de embasar-me em algumas teorias feministas, relego à nomes

⁵ Aquele sobre o qual se estuda.

masculinos parte fundamental de meus estudos acerca da análise e crítica teatral. Meu objetivo no momento não é excluí-los de minha pesquisa, mas sim agregar outras teorias mais representativas na tentativa de criar um diálogo mais aprofundado sobre o tema.

Para tanto, me proponho sair da zona confortável em que me embasava em grandes cânones da pesquisa em teatro, em sua maioria homens brancos de cultura eurocêntrica, para buscar referências que dialoguem mais diretamente com o contexto com o qual eu lido, tanto no sentido de pesquisar mais mulheres, como também de entender esse movimento dentro de uma ótica menos eurocêntrica, situando geograficamente a minha pesquisa: Brasil, América Latina.

As pequenas catástrofes que nos acometem - Conclusão

O processo de identificação da crise dentro do próprio projeto de pesquisa não é uma tarefa simples. Sobre o assunto, Victoria Pérez Royo expõe em seu artigo *Sobre a Pesquisa nas Artes: um discurso amoroso*, que o início de uma pesquisa é talvez a sua fase mais delicada, quando o pesquisador sem saber exatamente onde chegará, e quais seus reais objetivos, começa a trabalhar (ROYO, 2015).

Enxergo a crise como uma consequência deste estado flutuante e bastante incerto, típico dos inícios, quando a pesquisa, recém-nascida, ainda não tem suas bases teóricas solidamente fincadas, e a pesquisadora, por outro lado, ainda a enxerga com um olhar ingênuo e idealizado de quem acaba de dar à luz um projeto. A crise surge então, como uma primeira inserção do projeto de pesquisa no mundo prático, onde suas incoerências e falhas tomam forma ao se depararem com questões que extrapolam a academia, e as idealizações prévias embutidas no projeto são confrontadas com o pragmatismo da realidade.

Ainda assim, a crise não necessariamente culmina em estagnação, muito pelo contrário, pode ser encarada como força propulsora para mudança, por vezes radical, nos caminhos que a pesquisa deve tomar. Neste sentido, encontro-me no ápice desta pequena catástrofe, tendo recentemente identificado as falhas e questões de minha pesquisa e adentrando um período de adaptações, alterações e mudanças de caminho.

Exponho esta inquietação, a fim de encerrar este breve ensaio, por considerar interessante os entrecruzamentos ocorridos em relação à representatividade dentro de ambos os projetos (pesquisa regular e mestrado). Ainda que as questões intrínsecas à cada uma das situações sejam diferentes, acredito que a mesa temática ocorrida dentro do Seminário Inteiro do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena e o debate que ela suscitou foi, de certa forma, um primeiro *insight* para eu repensar os rumos da minha pesquisa de mestrado.

Retomo então ao título dado a este texto, a frase célebre proferida por um estudioso da antropologia para uma antropóloga que ousou dar espaço às vozes femininas dentro de sua pesquisa. “Interessante, mas tem muita mulher...”. Leio-a e encaro-a como uma auto provocação por um momento. E finalmente compreendo que busco com minha pesquisa essa mesma reação, o incômodo. Pois, se nenhuma mudança é confortável, que eu mergulhe no desconforto momentâneo de não saber qual

rumo tomar, para então trazer alguma mudança real. Afinal, manter-me onde estava, abordando minha pesquisa de forma pouco relacional como minha própria vida na esfera sociopolítica e meu lugar enquanto artista-pesquisadora, seria apenas mais uma maneira confortável de ser conivente com meu próprio silenciamento enquanto mulher.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, L. C. e GOMES, A. L. *A personagem feminina na dramaturgia brasileira contemporânea*. In: A. L. Gomes e D. A. V. Maciel (Org.) *Dramaturgia e Teatro Intersecções*. Maceió: EDUFAL, 2008.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

CORRÊA, Mariza. *Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal*. Cadernos Pagu, Campinas, n.16, 13-30, mar.2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a02.pdf>>

ROYO, Victoria Perez. *Sobre a Pesquisa nas Artes: um discurso amoroso*. Revista Brasileira de Estudos da Presença, Porto Alegre, v. 5, p. 533-558, set./dez. 2015. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/presenca/article/view/57862>>

TEDESCHI, Losandro. *Os desafios da escrita feminina na história das mulheres*. Raído, Mato Grosso do Sul, v.10, n.21, 153-164, jan./jun.2016. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/5217>>